

## INSTALAÇÃO ANTROPOÉTICAS: TRAMANDO MALHAS POR MEIO DE UMA ANTROPOLOGIA DA VIDA

WEMILLY SOARES PEREIRA<sup>1</sup>; MATEUS FERNANDES DA SILVA<sup>2</sup>; TANIZE MACHADO GARCIA<sup>3</sup>; DANIELE BORGES BEZERRA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– wemillysoares09@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – mateusfernandsasilva@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – tanizemgarcia@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - borgesfotografia@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o relato da experiência de uma instalação, que ocorreu entre os dias 02 e 13 de dezembro de 2019, no âmbito do grupo de pesquisa Antropoéticas, vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), desenvolvida por estudantes de graduação e pós-graduação, professores(as) e pesquisadores(as) vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Trata-se de uma instalação artística criada no saguão do Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem (CEHUS). Com a instalação nosso objetivo foi, a partir do engajamento ativo dos corpos e das subjetividades dos visitantes, suscitar reflexões acerca do fazer ético, político e poético na pesquisa antropológica. Através do produto, construído como uma estação de imagens e sons, as tramas de linhas, tecidos e projeção de desenhos previamente produzidos, no âmbito do grupo, assim como sua característica interativa, promoveram uma dinâmica de transformação da instalação, ao longo do tempo. Uma vez que, gradualmente, desenhos produzidos pelos visitantes, se somavam a intervenção inicial.

Dessa forma, buscamos instigar aos passantes as potencialidades sensoriais que, via de regra, são naturalizados e subsumidos por atos “automatizados”, tais como: os olhos servem para enxergar; ou escutamos com os ouvidos. Ao passo que, impulsionados pelo pensamento de Tim Ingold (2015) e suas ideias acerca de uma antropologia da vida, composta por tramas e linhas produzidas nas relações entre humanos e não humanos, estimulamos os visitantes a perceberem que somos e estamos emaranhados no mundo e que existem infinitas possibilidades narrativas para descrever, registrar e transmitir nossas experiências em campo. Para a Antropologia, portanto, a questão das grafias é muito importante e o projeto Antropoéticas e o LEPPAIS nos são como âncora e nos estimulam práticas que incorporam outras formas de narrar e perceber o mundo. De acordo com Tim Ingold, a Antropologia é um modo de conhecimento que se adquire no fazer (INGOLD, 2013), aproximando-se assim de uma “arte” de investigar. Nesse sentido, a proposta da instalação foi despertar a produção do conhecimento antropológico utilizando diversas formas de expressar e narrar experiências sensoriais, envolvendo os observadores no processo e produzindo outras malhas de significação no mesmo.

## **2. METODOLOGIA**

Durante nossos encontros no grupo Antropoéticas, ocorrido semanalmente no LEPPAIS, a partir de leitura e discussão de bibliografia antropológica relativa ao tema, foram surgindo reflexões acerca do fazer antropoético na produção e condução das pesquisas de campo, e também em relação à restituição dos seus resultados, questões que cada vez mais iam se tornando latentes no âmbito dos nossos encontros semanais. Assim, partindo de uma série de produtos originados de nossas experimentações e leituras, surgiu a ideia de criarmos uma instalação que materializasse nossos pensamentos e promovesse outras formas de comunicação e interação, que auxiliasse a nós e a nossos pares, a pensarmos o alcance de múltiplas linguagens e grafias no fazer antropológico.

A instalação teve concepção, curadoria e montagem compartilhada por integrantes do LEPPAIS. E, conforme, introduzido antes, foi criada a partir de produções sonoro-visuais-gráficas, produzidas previamente durante os encontros do grupo, e contou com a colaboração em dinheiro – necessária para a compra de materiais – de todos os membros envolvidos, assim como a execução da obra foi partilhada pelos mesmos.

Nossa produção Antropoética aciona, portanto, linguagens das artes visuais e motivações que partem do campo da Antropologia e tem como inspiração uma “antropologia dos sentidos” (CLASSEN, 1993) ou seja, uma antropologia que se propõe a refletir sobre os modos pelos quais experimentamos o mundo e nossos corpos.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

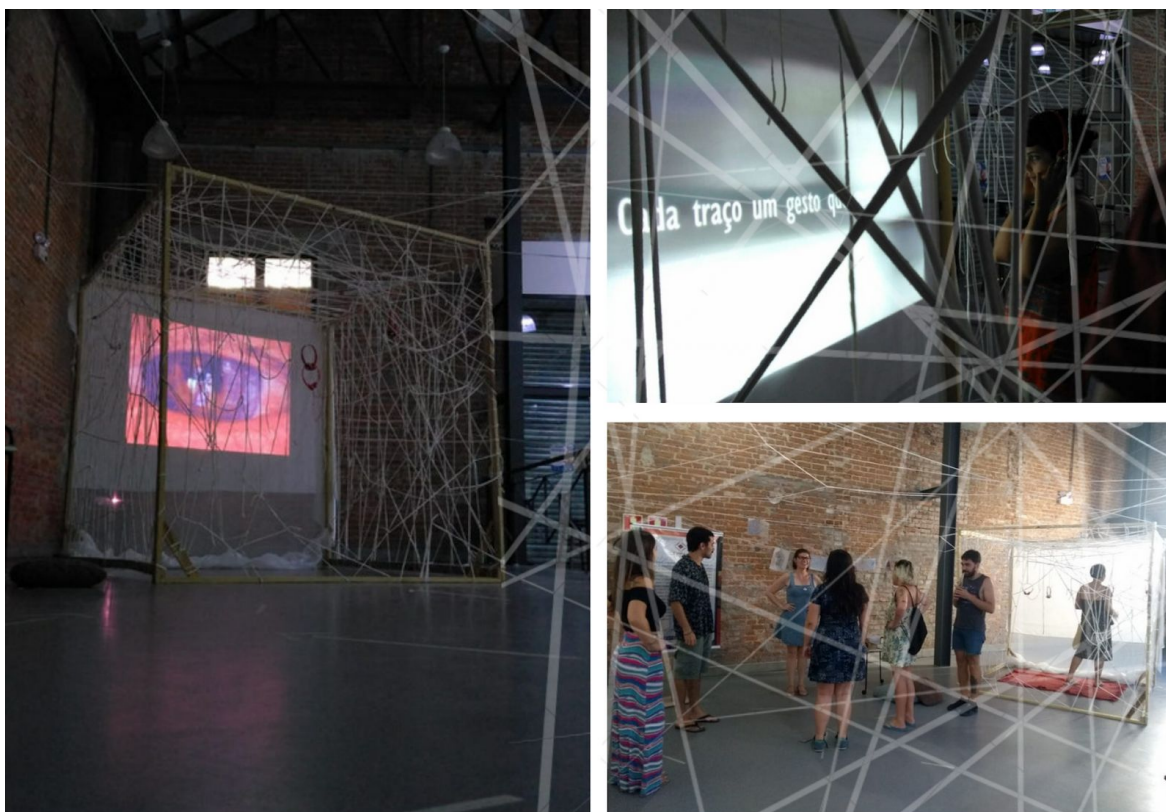
Para Tim Ingold "a vida não é confinada no interior de pontos, procede ao longo de linhas" (2007, p. 104), linhas traçadas nas vivências cotidianas. Ao provocarmos o deslocamento do registro narrativo para outras formas de olhar e ouvir, que incorporam a amplitude de percepções e possibilidades de grafia, buscamos compreender as experiências como parte de um viver integrado, que não fica evidente a partir da construção de um pensamento positivista por meio de uma escrita linear. Vemos, ouvimos, tocamos e sentimos o mundo-ambiente como um conjunto do qual fazemos parte, descrito sob a forma de variadas grafias, percebido por meio de diversas sensações.

Desta forma, como resultado primeiro de nossa mobilização tivemos como produto uma instalação que se assemelhava a um cubo vazado, com arestas demarcadas por emaranhados de fios. Da parte superior pendiam cinco fones de ouvido conectados a aparelhos MP3, cada um reproduzindo uma ambiência sonora distinta: sons do centro da cidade, ambulantes e transeuntes, sons de grilos e sapos, sons de uma praça, candombe, etc. Em uma das paredes do cubo, múltiplas grafias eram projetadas, de forma sequencial, sobre uma tela branca feita de voal, entre elas desenhos, fotografias, frases, bordados, entre outras obras criadas a partir da experiência e de referências e práticas desenvolvidas durante os encontros semanais do grupo. No plano do chão estendemos um

tapete com almofadas e nossa intenção era tornar o ambiente acolhedor e convidativo, de modo que as almofadas davam uma dica acerca deste convite.

As linhas que formavam as “paredes” da instalação saíam do cubo em direção ao espaço, como teias, fixando-se à estrutura maior do prédio. Ao lado, fixamos um varal, uma mesinha, papéis e materiais de desenho, convidando os visitantes mais uma vez a integrarem esta obra em processo. Durante os dias que a instalação esteve aberta recebemos vários *feedbacks* positivos, muitos dos visitantes trocaram ideias, experimentaram a instalação.

A instalação envolveu desde marteladas nos dedos, discussões sobre física, conhecimentos escultóricos e escolha dos materiais, até os detalhes formais e tecnológicos utilizados e, principalmente os corpos que por ali passavam, construindo um ambiente composto (e feito) por diferentes coisas, refletindo múltiplas grafias e provocando estes corpos a partilharem da experiência.



*Imagem 1 - Tramas - Colagem feita a partir de fotos tiradas durante o período de funcionamento da Instalação (acervo: LEPPAIS).*

Observamos que o primeiro impacto gerado pela obra foi a curiosidade, “afinal do que se trata essa instalação?”. Essa curiosidade fazia com que muitas pessoas chegassem até nós e nos perguntassem sobre a proposta; outras pessoas partiam para a interação direta com a nova espacialidade produzida pela instalação. Obtivemos vários níveis de interação, portanto, desde uma afecção tímida com observação de longe, até a apropriação do espaço como lugar de lazer, ou de expressão, pois, enquanto algumas pessoas ouviam, sentiam, sentavam-se, outras desenhavam e registravam frases de cunho político-afetivo, suspendendo-as no varal anexo. Nesse sentido, pudemos observar, ativamente,

que a obra despertou uma experiência multissensorial que impulsionava a pensar e perceber nossa inserção no mundo-ambiente, conforme Tim Ingold nos inspira a considerar (INGOLD, 2015). Não apenas a nossa, mas, sobretudo, a de pessoas que frequentam o espaço do CEHUS percebendo o espaço de outra forma.

#### 4. CONCLUSÕES

A antropologia contemporânea, em seu caráter experimental, muitas vezes vinculada à arte e suas linguagens expressivas, constitui-se como uma disciplina que contribui para a ampliação das formas de conhecimento da vida e dos seres em relação, sem necessariamente encerrar conhecimentos sobre a vida social, mas abrindo-os aos seus interlocutores, uma vez que se tornam partes do processo criativo, interpretativo, narrativo.

Foi uma ação extensionista que envolveu saberes, fazeres, movimentos e coisas (não limitadas a objetos, nos quais simplesmente imputamos nosso projeto), mas fazendo parte de uma instalação viva, interativa, com materiais ativos, não reduzida à matéria inerte (INGOLD, 2015, p. 45). Mesmo havendo uma idealização prévia, a instalação foi como uma linha aberta, uma linha de devir, um entrelaçamento de linhas (de coisas, de vida) perpassado por um fluxo de materiais num espaço fluído.

Entendemos que outras formas de narrar e descrever, que incluam outros sentidos para além da visão, como a audição, o tato e o olfato, sejam fundamentais para ampliar as possibilidades interpretativas sobre campos e relações, mas também estratégicos para a extroversão do conhecimento e a restituição em pesquisa.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLASSEN, C. **Fundamentos de una antropología de los sentidos**. Revista Internacional de Ciencias Sociales (RICS), UNESCO. 1993.

DAWSEY, J. (2005). **Victor Turner e antropologia da experiência**. Cadernos De Campo (São Paulo 1991), 13(13), 163-176.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p163-176>

INGOLD, T. **Making: anthropology, archaeology, art and architecture**. Londres: Routledge, 2013.

\_\_\_\_\_. **Lines: a brief history**. London: Routledge, 2007, 188p.

\_\_\_\_\_. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.